AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

Educação Ambiental crítica e Gênero: as mulheres e seus vínculos de organização comunitária

Maria Odete da Rosa Pereira[1]
Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil
orcid.org/0000-0001-6842-0499

Clara da Rosa[2]
Consultora em Educadora Ambiental - Brasil
orcid.org/0000-0001-8001-8400

Felipe Justo[3]
Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil
orcid.org/0000-0003-4217-5936

Resumo: Neste trabalho, apontam-se as primeiras impressões dos elementos constitutivos do encontro entre um projeto de educação ambiental e uma associação comunitária de mulheres, assim como os vínculos estabelecidos entre as participantes, todas do gênero feminino, e os motivos que as mantêm atuando desde a fundação da entidade. A sistematização se deu à luz das teorias da educação ambiental crítica, da psicologia social e da educação popular. Considera-se a importância da fala e da escuta pedagógica como um reconhecimento do ser mulher, pescadora ou marisqueira, em uma comunidade em situação de pobreza, mas que está organizada em grupo e desempenha um papel social, engajando-se nos espaços públicos de decisão política da sua região. Ainda se observa o papel que cada uma desempenha no coletivo com base na teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière e nas teorias de Vygotsky.
Palavras-chave: vínculos, educação ambiental crítica, gênero, organização comunitária, grupos.

[1]Doutora em Educação Ambiental. Professora da área de didática - Instituto de Educação - FURG. mariaodetedarosapereira@gmail.com
[2] Consultora em Educação Ambiental, Doutora em Educação Ambiental (2020), Mestra em Gerenciamento Costeiro (2013) e Licenciada em História (2011), pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. claradarosapereira@yahoo.com.br
[3] Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – PPGEA/FURG. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande - felipe.sjusto@gmail.com

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

Critical Environmental Education and Gender: women and their community organization bonds.

Abstract: In this paper, the initial impression of the elements that constitute the encounter between an environmental education project and a women's community association are pointed out, as well as the bonds that have been established between the participants, all of the female gender, and the reasons that have kept them actively involved since the organization was created. The systematization was carried out in the light of critical environmental education, social psychology and popular education theories. The importance of pedagogical speech and listening is considered as a recognition of being women, a fisherwomen or *marisqueiras* (women shellfish gatherers), in a poor community that is, nevertheless, organized as a group and plays a social role, engaging in the public spaces of political decision-making in their region. Furthermore, we observe the role that each woman plays within the collective according to Pichon-Riviére's theory of operative groups and to Vigotsky's theories.
Keywords: bonds, critical environmental education, gender, community organization, groups.

INTRODUÇÃO

Este trabalho representa um resultado parcial de um projeto de pesquisa com o mesmo título. Considerando isso, destaca-se que são apontadas as primeiras impressões dos elementos constitutivos do encontro entre um projeto de educação ambiental e uma associação comunitária composta inteiramente por mulheres, assim como os vínculos estabelecidos entre as participantes e os motivos que as mantêm atuando desde a fundação da associação. A sistematização expressa neste texto se deu à luz das teorias da educação ambiental crítica, da psicologia social e da educação popular. Nessa perspectiva, foram estudadas as minúcias da trajetória da associação desde sua criação, como foco não só no grupo, mas também em algumas mulheres específicas e suas histórias individuais, relacionando-as com a participação no coletivo. A escolha das mulheres para o estudo foi fundamentada no papel das líderes, que se acredita serem estruturantes para o grupo.

O lugar de fala da primeira autora deste artigo se dá a partir de sua convivência com essas mulheres no período de 2011 a 2017, quando contribuiu para a concepção da associação e acompanhou seus desafios e conquistas. Dessa forma, este artigo apresenta reflexões pessoais, aliada aos demais, autor

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

e autora, com base na linha teórica já citada, assim como expressa as visões e concepções das mulheres que compõe o atual coletivo da associação, por meio de registros escritos no âmbito da própria associação. Tais informações e falas foram extraídas de relatórios fornecidos pela associação e de entrevistas realizadas com as participantes.

É importante ressaltar que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande (CEP-FURG).

QUE ASSOCIAÇÃO É ESSA?

Trata-se de uma associação de mulheres criada a partir das ações de um projeto de educação ambiental que está em andamento desde 2011 até o presente momento. Tal projeto busca o fortalecimento da organização comunitária e tem como propósito mitigar os impactos do licenciamento ambiental federal de petróleo e gás conduzido pela Coordenação de Licenciamento Ambiental de Produção de Petróleo (COOPROD), vinculada à Diretoria de Licenciamento Ambiental (DILIC) do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Suas primeiras ações consistiram na mobilização das mulheres da pesca artesanal, por meio de visitas. Posteriormente, foram realizadas reuniões nas comunidades e, em seguida, oficinas municipais na área de abrangência do projeto. Após dois anos, mais especificamente em 2013, foi organizado um encontro regional com as mulheres participantes, o que resultou na criação dessa associação de mulheres, que se caracteriza por ser sem fins lucrativos e formada por apoiadoras do projeto.

POR QUE APOIADORAS DO PROJETO?

A razão para utilizar o termo “apoiadoras do projeto[4]” reside na necessidade de o grupo estabelecer uma pessoa jurídica para garantir a

[4] Neste caso quando se refere ao “projeto” se está falando do PEA – Projeto de Educação Ambiental do processo de licenciamento ambiental (conduzido pelo Ibama), que é

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

participação das mulheres das comunidades que faziam parte do projeto em conselhos municipais, como os de saúde, educação, assistência social, direito das mulheres, entre outros. Ao mesmo tempo, ao estar organizada como projeto, a associação asseguraria algum financiamento, como assessoria técnica ao coletivo da associação e logística de transporte, por exemplo. Dessa forma, nasceu essa parceria quase simbiótica entre o projeto e a associação, respeitando a autonomia de cada grupo e transformando essa convivência em uma experiência de aprendizado para a associação.

METODOLOGIA

A pesquisa que resultou neste artigo considerou as anotações pessoais da primeira autora, que atuou como coordenadora do projeto de educação ambiental de 2011 a 2017, conforme citado anteriormente. Sendo assim, além da contribuição dos demais autores, por meio de discussões teóricas nas análises dos dados, e das perspectivas das mulheres da associação, uma vez que se trata de uma pesquisa de cunho participante (a proposta do estudo foi discutida com o grupo pesquisado para avaliar a adesão ao trabalho), este artigo contém aspectos autobiográficos.

Durante o processo de investigação, além de revisão das anotações da autora e das atas da associação que foram disponibilizadas, foram realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas. Além disso, participou-se das reuniões das mulheres para observar sua forma de participação. É importante ressaltar que a pesquisa ainda está em andamento até 2024.

Toda a investigação é fundamentada nas leituras das obras de Vygotsky (2000; 2007; 2009), assim como nas de Pichon-Riviére (1998; 1999). A metodologia baseia-se nas observações do modo como o grupo da associação de mulheres desenvolve as tarefas impostas pela necessidade de organização comunitária. Essas observações e reflexões também serão contextualizadas

responsabilidade de determinada empresa que produz petróleo e gás no Brasil, numa das bacias hidrográficas, diferenciando assim do projeto de pesquisa o qual as autoras estudam a relação gênero e educação ambiental.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

pelas obras de Freire (1968; 1982; 1995). Propõe-se, assim, a mediação entre os três autores-chave deste trabalho: o primeiro, Pichon-Riviére (1998; 1999) estuda os grupos operativos e como esses se comportam no desenvolvimento de uma tarefa, bem como os papéis que cada indivíduo desempenha e assume como postura diante do coletivo; o segundo, Paulo Freire, fala da educação que busca autonomia, da pedagogia do oprimido e da esperança e de tantas outras contribuições em suas obras - cabe destacar que, ao se trabalhar com pessoas adultas com pouco letramento e com a organização comunitária, acredita-se que Freire e suas propostas são fundamentais; em terceiro lugar, Vygotsky (2009), que traz a contribuição do subtexto, isto é, o que está contido no não-dito, introduzindo os conceitos de linguagem interior e de sujeito psicológico, além de se referir às palavras e a seus significados, afirmando que se desenvolvem processualmente, ou seja, os significados mudam de acordo com diferentes influências, entendimentos e contextos, principalmente no capítulo em que aborda questões relativas ao pensamento e à palavra.

> Talvez a correspondência entre a estrutura gramatical e a estrutura psicológica da linguagem não seja tão frequente quanto supomos. É mais provável que nós apenas postulemos e que raramente ou nunca se realize na prática. Em toda parte -- na fonética, na morfologia, no léxico e na semântica, até mesmo no ritmo, na métrica e na música -- as categorias gramaticais ou formais escondem categorias psicológicas. Se em um caso parecem encobrir uma a outra, em outros tornam a separar-se. Pode-se falar não só sobre os elementos psicológicos da forma e os significados, sobre os sujeitos e os predicados psicológicos, e com a mesma legitimidade falar do número psicológico, do gênero, do caso, do pronome, do termo integrante, do superlativo, do tempo futuro etc. Ao lado dos conceitos gramaticais e formais de sujeito, predicado, gênero, teve-se de admitir a existência dos seus duplos psicológicos ou protótipos. O que pode ser um erro do ponto de vista da língua pode ter valor artístico se vem de uma natureza original (Vygotisky, 2000, p.415).

A partir da premissa de que existe algo além do que é expresso verbalmente, mas também se manifesta por meio de atitudes e comportamentos, a metodologia desenvolvida no projeto de pesquisa, que ainda está em desenvolvimento e cujos resultados parciais são apresentados neste artigo, intenciona interpretar o que as participantes falam nas entrelinhas, a partir da

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

análise dos dados obtidos com as filmagens de algumas reuniões da associação e gravações de entrevistas, buscando observar nuances na fala, gestos, diferentes posturas e atitudes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA X PRÁTICA

O contexto deste artigo e do projeto de pesquisa é a educação ambiental crítica e transformadora. Portanto, é importante situar o ponto de partida dessa perspectiva, que é ancorada no método materialista histórico e dialético, essencial para o desenvolvimento dos demais fundamentos.

A produção de teorias, de representações e da consciência está, diretamente, ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real.

São os homens que produzem as suas representações, aqueles reais atuantes que foram condicionados pelo desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde, incluindo até as formas mais amplas que possam tomar. Com base em Marx e Engels, na Ideologia Alemã:

> A consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente e o ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmera obscura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico (MARX; ENGELS, 2022, p. 23).

Nessa linha de raciocínio, entende-se que a educação ambiental é processo contínuo que considera o aspecto histórico que resultou na situação atual. Não foi por acaso a escolha dos autores da psicologia social que se situam no pensamento marxista e, dessa forma, assumem compromisso com uma psicologia que se engaja em grupos e transformações sociais.

Embora Vygotsky, ao nosso ver, trate mais do desenvolvimento do ser humano enquanto ser social, ele foi um ser político e posicionado. Por outro lado, Pichon- Riviére parece estar mais comprometido com os pacientes e o trabalho

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

em grupos. No entanto, tudo que se possa falar parece pouco em razão da densidade das obras dos autores citados, ainda há muito a ser estudado, debatido e registrado, mas o importante, nesse caso, é fundamentar-se em obras consideras essenciais para o avanço social da humanidade.

Conforme já citado anteriormente, entende-se que a educação ambiental crítica leva em consideração o contexto histórico, o que remete aos fatos que resultaram na necessidade de inserir o adjetivo “ambiental” à educação. A forma como a civilização, que hoje tem a hegemonia capitalista no mundo, se comporta e se organiza na sociedade reflete a perspectiva de mitigar ou compensar os problemas ambientais gerados pelo atual modelo de produção. Isso é evidente nas políticas de licenciamento ambiental e na gestão ambiental pública, por exemplo.

É importante destacar que existem diferentes concepções de tendências pedagógicas na educação e isso também se reflete na educação ambiental (EA). Diante disso, ressalta-se que tanto a educação quanto a EA são influenciadas por outras áreas das ciências, como sociologia e filosofia, bem como por políticas governamentais. A psicologia comportamentalista e behaviorista, por exemplo, exerce uma forte influência na educação ambiental no Brasil, promovendo a ideia de que cada indivíduo deve fazer sua parte pra resolver os problemas ambientais, o que pode minimizar questões mais amplas relacionadas a políticas e ao sistema de produção capitalista.

As teorias educacionais, de acordo com Libâneo (2013), em um determinado espaço-tempo, seguem as orientações de John Dewey, que, apesar de ter uma concepção de pedagogia “renovada”, influencia a educação com suas ideias liberais. Na área da psicologia, a abordagem “não-diretiva” de Carl Rogers ganha destaque, especialmente nas ações de educação ambiental, às vezes confundindo-se com a metodologia transformadora e interpretando a autonomia como não-diretividade. No entanto, esse entendimento não condiz com as ideias de Freire sobre autonomia, pois, para o ele esse conceito é construído a partir de um posicionamento claro e diretivo da educadora e do educador em relação às(aos) educandas(os) em um diálogo ativo.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

Portanto, a educação está intrinsecamente ligada ao modo como a sociedade se reproduz, refletindo o pensamento e os desejos da parte hegemônica dessa sociedade, especialmente no modo de produção capitalista. A intenção pedagógica, nesse cenário, é atender ao sistema, seja por meio de novas tecnologias de construção, produção de alimentos geneticamente modificados ou outras soluções voltadas para o sistema. No entanto, são questionadas as prioridades estabelecidas e o que seria importante para manutenção da saúde e sobrevivência de todos os seres vivos do planeta, não apenas os seres humanos. Para Carvalho (2004, p. 16):

> O próprio conceito de educação ambiental já é, ele mesmo, efeito de uma adjetivação. Trata-se do atributo "ambiental" aplicado ao substantivo "educação". Poderíamos nos perguntar por que tantos adjetivos? O que significa o fato de haver uma tipologia tão variada quando se fala em educação ambiental? O que isto sinaliza sobre o tipo de produção teórico- conceitual nesta área? Que projetos pedagógicos e concepções de mundo guarda cada um destes atributos?
> É interessante pensar sobre o que estas diferentes ênfases educativas vêm demarcando em termos de modos de endereçamento da educação e da educação ambiental. A ideia de *endereçamento* provém dos estudos de cinema e já foi aplicada à educação por Ellsworth (2001). Este conceito pode ser útil para destacar como se constitui e a quem se dirige, se *endereça*, cada uma destas educações. Nesta ideia de endereçamento estão compreendidas a produção de cada uma destas educações ambientais como artefatos que são construídos dentro de uma dinâmica de forças sociais e culturais, poderes e contrapoderes, num círculo de interlocução, onde o destinatário também constitui os artefatos que a ele é endereçado.

Nessa perspectiva, qual seria o sentido da educação ambiental? Como mencionado anteriormente, o adjetivo "ambiental" se junta à educação devido à necessidade histórica da maneira como a sociedade está estruturada. De acordo com as diferentes correntes de pensamento e tendências pedagógicas da educação, o aspecto ambiental passa a ser abordado de acordo com essas correntes. Atualmente, existem várias concepções de educação ambiental, que se inspiram em estudos culturais, fenomenologia, pós-estruturalismo, decolonialidade, interseccionalidade, entre outras.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

Na realidade, essas concepções pertencem à ciência, não se limitando apenas à educação ambiental, mas influenciando uma a outra. Neste trabalho, segue-se a abordagem da educação ambiental crítica e transformadora, alinhada com a educação popular, considerando que, em meio a tantos problemas ambientais, o recorte de classe se torna fundamental. Em situações de iminente desastre ambiental, os mais afetados são os pobres e desvalidos, aqueles que não têm recursos para sair rapidamente quando a catástrofe ocorre. E, quando são retirados, geralmente perdem tudo e são rapidamente esquecidos. Mesmo em circunstâncias cotidianas, existe a exclusão intrínseca ao modo de organização social e produtiva no sistema capitalista. Em outras palavras, não há possibilidade de incluir a todas(os) nesse modo de organização social. O espaço é sempre menor do que a necessidade real, mesmo nas metrópoles mais cobiçadas, como Nova Iorque ou Paris, os excluídos são visíveis nas ruas das grandes cidades. Dessa forma, quando se busca a inclusão, objetiva-se, de fato, uma mudança radical no sistema, uma transposição, uma transformação.

> Um dos bons encontros, promotores de *potência de ação*, como se poderia dizer com Espinoza, é o encontro da educação ambiental com o pensamento crítico dentro do campo educativo[3]. A educação crítica tem suas raízes nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicado à educação. No Brasil, estes ideais foram constitutivos da educação popular que rompe com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos. Paulo Freire, uma das referências fundadoras do pensamento crítico na educação brasileira insiste, em toda sua obra, na defesa da educação como formação de sujeitos sociais emancipados, isto é, autores de sua própria história. As metodologias de alfabetização baseadas em temas e palavras geradoras, por exemplo, buscam religar o conhecimento do mundo à vida dos educandos para torná-los leitores críticos do seu mundo (Carvalho, 2004, p. 18).

Com essa visão de educação ambiental, também se destaca o conceito de “trabalho” como central nas atividades da educação ambiental. Entende-se trabalho como formador da consciência, na perspectiva de Vygotsky. Segundo Engels (2004), a mão humana se desenvolveu da forma como é hoje por meio

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

do trabalho com ferramentas. Assim, Friedrich Engels (2004) insere os seres humanos no mesmo patamar dos demais seres vivos, seguindo a linha de Charles Darwin, que enfatizou o desenvolvimento pela evolução, em contraposição às ideias místicas de um Deus que teria criado o ser humano à sua imagem e semelhança. De acordo com Engels (2004), a lei que Darwin chamou de correlação do crescimento, afirma que as diferentes partes dos seres orgânicos estariam determinadas por outras partes, que aparentemente não têm nenhuma relação com as primeiras. Entende-se que por exemplo, a utilização das mãos humanas como meio de trabalho influencia na formação da consciência e da aparência humana.

De acordo com Cenci (2018, p. 10):

> O desenvolvimento dos signos e ferramentas permite o homem controlar a própria conduta. Enquanto as ferramentas ampliam a ação, modificam elementos externos, os signos – compreendidos como ferramentas psicológicas – ampliam capacidades as cognitivas. Aqui aparece a ideia de internalização[6] e de desenvolvimento das funções psicológicas superiores[7] que perpassam grande parte da obra de Vygotsky; daí também a ênfase dada à linguagem[8] no desenvolvimento humano. Dessa forma, graças aos signos, o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo.

Não é objetivo deste artigo aprofundar-se nessas teorias, apenas são citadas para embasar o restante do trabalho. Dessa forma, conclui-se que o que é feito como trabalho vital determina quem nos tornamos. Ao aplicar isso no contexto da educação ambiental, compreende-se as populações tradicionais (pescadoras, marisqueiras, quilombolas, indígenas, ribeirinhas) para quem a produção é diretamente responsável pela sua subsistência, que, por sua vez, trata-se da categoria trabalho (Antunes, 2007). Além disso define sua identidade enquanto povo tradicional, através do seu trabalho, de sua vivência.

UMA PRÁTICA REFLEXIVA (PRÁXIS)

Pensar o início de um grupo que se encontra disperso e caótico é um processo semelhante ao ato criativo de produzir uma obra de arte. Começar um movimento legítimo e autêntico com pessoas, cada um trazendo consigo “a dor

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

e a delícia de ser o que é", como canta Caetano Veloso em "Dom de iludir" (1986), requer entrega e dedicação. É também crucial vivenciar intensamente o processo de formação do grupo de forma dialética, navegando na espiral que nos lança para dentro e para fora do coletivo. Trata-se de um processo transformador de equilíbrio do "eu" e o "grupo". Nesse sentido, encontra-se conexão com as palavras de Pichon-Riviére (1999, p. 20-21) quando se refere à obra de Capristo:

> A obra de Capristo, como a de todo criador, seguiu um curso não retilíneo, mas dialético. Embarca no tobogã da espiral, criando, destruindo o objeto estético para reconstruí-lo num nível diferente e com técnicas diferentes.
> Partindo de um primeiro período que é o da descoberta e deslumbramento ou encontro fortuito de algo que ainda possa guardar os sinais de uma destruição prévia, necessitou, para sua recriação ou reconstrução, de um conjunto instrumental que caracterizasse justamente o eu do artista. Cria-se assim, pela primeira vez, um vínculo vocacional com o objeto que, pela operação mencionada, se transformou no objeto estético. O objeto primário, fragmentado e desagregado é "reparado" pelo artista; cada fragmento desse todo anterior sofre uma metamorfose totalizante, é uma nova forma e permanece à espera de ser externalizada sobre a tela. É o triunfo da vida sobre a morte, da sanidade sobre a loucura. As contradições prévias que habitavam o contexto da criação, ou seja, seu mundo interno, vão se resolvendo no andamento do processo. É assim que o sinistro se transforma no maravilhoso, o conteúdo e a forma sem sua síntese recriam uma nova estrutura.
> Mas o importante é que todo esse processo tem por resultado o surgimento de um objeto externo capaz de ser contemplado pelos demais, que provoca uma vivência estética – por isso um objeto de arte – e que possui uma trajetória cuja sequência não tem fissuras apenas interrupções e novos saltos.

Invocando a licença poética, na busca pela identificação com o artista citado, sem, no entanto, objetificar as pessoas que formam um grupo, particularmente lembrando que, ao nos depararmos com as realidades controversas encontradas nas comunidades, equipara-se a um deslumbramento e à necessidade de "destruição" de terminadas verdades ali estabelecidas para recriar, juntamente com as participantes, uma outra estética, um novo modo de pensar e de agir baseando-se em novas verdades. Para ilustrar, a visão dialética, nesse caso específico, trata-se de uma forma não-romântica de encarar os grupos comunitários, encontra-se na realidade concreta, ideologias religiosas,

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

alienação econômica e atitudes patriarcais. É importante pensar que esses são apenas alguns aspectos comparáveis aos “sinais de destruição prévia” mencionados anteriormente. No livro I da obra “O Capital”, encontra-se:

> Quando deu à dialética a configuração materialista necessária Marx expurgou- a das propensões especulativas e adequou-a ao trabalho científico. Ao invés de subsumir a ontologia na lógica, são as categorias econômicas e sua história concreta que põem à prova as categorias lógicas e lhes imprimem movimento. A lógica não se identifica à ontologia, o pensamento não se identifica ao ser. A consciência é consciência do ser prático material que é o homem. A dialética do pensamento se torna a reprodução teórica da dialética originária inerente ao ser, reprodução isenta de esquemas pré-construídos e impostos de cima pela ontologia idealista. Mas, ao contrário de reprodução passiva, de reflexo especular do ser, o pensamento se manifesta através da ativa intervenção espiritual que realiza o trabalho infindável do conhecimento. Trabalho criador de hipóteses, categorias, teoremas, modelos, teorias e sistemas teóricos (MARX, 2023, p. 49).

Considerando a experiência da autora principal deste texto, destaca-se que chegar às comunidades como agentes e observadoras externas, que enxergam através de uma nova lente, implica a missão de devolver a elas uma sentença ou uma esperança. De acordo com Pichon-Riviére (1998, p. 26), sob os olhos do próximo, surge uma segunda dimensão do corpo, que o revela como um organismo em funcionamento, regido por uma central. Portanto, o processo de cocriação de novo corpo, no contexto de um grupo, exige profundo comprometimento daqueles que realizam essa ação. Semelhante ao processo criativo de um artista, é necessário destruir determinadas crenças e atitudes para criar, esteticamente, um ser coletivo. Como se trata de processo dinâmico, no caso das mulheres associadas, as pinceladas e as tintas às vezes estão descompassadas ou borradas. No entanto, o grupo que se formou é apreciado diante de tantas dificuldades e contratempos, podendo ser compreendido como uma obra de arte que as autoras cocriaram.

Quando se trata das mulheres que compõe o grupo, que estão envolvidas em atividades que, frequentemente, envolvem posturas corporais específicas, como trabalhar de cócoras para descascar camarão, ajoelhar-se para catar caranguejos ou ficar curvadas enquanto limpam os peixes, observar e refletir

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

sobre as motivações para formar um coletivo que buscasse melhores condições de vida para si e para a comunidade é crucial. Isso levou à introdução de práticas corporais nas reuniões e encontros, que estimularam os corpos a se moverem de maneira oposta aos movimentos automatizados pelo trabalho. O prazer do movimento foi desencadeado por práticas corporais envolvendo música e movimentos complexos, o que teve uma ação criadora nessas sujeitas.

Pode-se afirmar que o afeto e o prazer que surgiram a partir desses momentos foram fundamentais para a criação de vínculos com e entre elas. No entanto, é importante ressaltar que o movimento não estava dissociado do processo de autonomia e de educação, no sentido freiriano mais profundo do termo, foi um princípio que considerou o corpo feminino e sua comunidade também como um corpo que, por vezes, está alienado de si mesmo. Diante dessas reflexões, encontra-se amparo nas palavras de Pichon-Riviére (1998, p. 27):

> O impulso orgânico e as situações estão de tal modo vinculados que o impulso busca a situação como saída, e a situação proporciona as chaves e estabelece o tipo de conduta que dará satisfação ao impulso. No homem é possível investigar tanto sobre o corpo em si como sobre o corpo vivido. A tarefa cientifica consiste em compreender esse conjunto de estruturas objetivas e procurar indagar como pode constituir o fundamento sobre o qual se estabelece uma motivação do comportamento.

Eis um desafio que surge quando a proposta envolve interferir em um corpo alheio ao nosso. Chega-se à conclusão de que não somos nós que o mobilizamos, mas sim o próprio corpo que se movimenta, seja ele o de um indivíduo ou de um coletivo. A motivação se torna o cerne da questão, sendo central e intrínseca a cada pessoa ou grupo social.

Buscando uma generalização, esse entendimento torna-se fundamental para equipes de profissionais que se propõem a trabalhar com grupos ou pessoas em geral, seja na perspectiva da educação ou da psicologia. Na área da educação, existem reflexões sobre metodologia dialética em sala de aula. Em uma delas, Vasconcellos (1992, p. 4) afirma que o fato de as estudantes e os estudantes estarem sentados à frente da professora, olhando para ela, não

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

significa, necessariamente, que estejam motivados. Segundo ele, seria um equívoco acreditar que a simples presença de estudantes nas aulas indicaria motivação. O autor discorre sobre a importância de despertar a curiosidade e o interesse do grupo pelos conteúdos a cada aula, além de apontar a necessidade de, primeiramente, conhecer o grupo, suas expectativas e as circunstâncias em que vivem para que boas aulas sejam oferecidas.

Na perspectiva da educação popular, imagina-se que Paulo Freire compreendeu essa problemática desde o início de sua prática escolar e educativa. Ao propor uma estratégia de alfabetização de adultos, ele destacou a importância do contexto e da realidade dos sujeitos e sujeitas da ação educativa na composição dos conteúdos, o que se traduziu na escolha de palavras geradoras relevantes. Um exemplo notável é a palavra "TIJOLO", especialmente significativa para os grupos vinculados à construção civil. Ao assistir ao filme "O homem que virou suco"[5], dirigido por João Batista de Andrade (1979), é possível imaginar os motivos pelos quais Paulo Freire se sentiu desafiado a alfabetizar os trabalhadores da construção civil. Em uma cena do filme, o protagonista se vê obrigado a passar a noite em um dormitório dos trabalhadores da construção civil, praticamente todos nordestinos, que deixaram suas mães, irmãs, esposas, namoradas e noivas. Nessa fatídica noite, o protagonista passa todo tempo lendo as cartas das famílias, que já se acumulavam, para seus colegas de alojamento. Essa cena expressa, claramente, a falta de letramento do grupo e a desumanidade que era não conseguirem ler as cartas das pessoas queridas ficaram para trás. Acredita-se que existam outros motivos que levaram Paulo Freire a pensar seu método de alfabetização, no entanto, essas são conexões possíveis.

Retornando ao grupo de mulheres que compõem a associação, percebe-se que a motivação que faz com que elas se reúnam e permaneçam atuantes,

[5] "O homem que virou suco" é um filme brasileiro de 1981 dirigido por João Batista de Andrade. Em novembro de 2015 o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos (EMBRAFILME, 1979).

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

algumas delas há, praticamente, oito anos, não se limita apenas à busca por melhorias nas estruturas públicas das comunidades. Embora esse objetivo esteja no horizonte, são as subjetividades do grupo, as relações interpessoais e as trocas, projeções e transferências, no sentido psicológico desses termos, que as mantêm motivadas.

Considera-se que os conteúdos significativos da organização comunitária e as possibilidades de melhorar a renda familiar sejam motivos, mas pondera-se que esses não sejam imediatos, geralmente se estendendo a médio e longo prazo, e que dependem muito da afinidade de cada uma com as propostas externas ao grupo. Por exemplo. um curso de culinária e um plano de negócios dependem de vários aspectos individuais e das tendências e habilidades de cada participante. Dessa forma, pode-se concluir que não há imediatismo na obtenção de resultados, o que é característico das pessoas que que enfrentas necessidades, geralmente, imediatas, como o sustento da família. No entanto, essas mulheres persistem e continuam participando das reuniões, mesmo durante o período da pandemia da doença por coronavírus (COVID-19) no período de 2020 a 2021.

Uma das conclusões é que o alimento de suas subjetividades é determinante para a manutenção do grupo. Mas o que exatamente denomina-se como “subjetividades”? Referimo-nos ao prazer, à autoestima, à alegria, ao afeto e à escuta pedagógica – a possibilidade de falar, ouvir e ser ouvida. Isso ocorre por meio de uma educação sensível, conforme preconizado pelas arte-educadoras, utilizando imagens, áudios, vídeos e práticas corporais. As mulheres da associação não apenas assistem a vídeos, mas também têm a oportunidade de participar da criação e da produção de seus próprios pequenos vídeos. Acredita-se que essa prática, entre muitos outros aspectos, proporciona que elas se vejam e vivenciem um distanciamento de si mesmas. Então, além de se espelharem umas nas outras, elas também se veem na tela e podem perceber a reação das outras pessoas diante de sua própria atuação nos vídeos, o que contribui para a construção de sua autoimagem.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

Este trabalho, como mencionado anteriormente, faz uma aproximação com a obra e o trabalho concreto de Pichon-Rivière e se apoia em diferentes obras do autor. Há uma profunda identificação da autora deste texto com as questões levantadas por Pichon-Rivière no que tange aos grupos operativos. Chama atenção a obra que reúne diferentes textos e reflexões do autor suíço-argentino e de colaboradores em livro publicado em 1980 e denominado "El Proceso Grupal". No entanto, vale ressaltar que essa obra só foi traduzida no Brasil em 2009, pela editora Martins Fontes. Em um dos textos, Pichon-Rivière (2009, p. 237), em colaboração com Ana Pampliega de Quiroga, expõe sua proposta sobre "a contribuição didática à psicologia social". A seguir, destaca-se um trecho voltado à noção de aprendizagem que se acredita estar conectado a este texto (PICHON-RIVIÉRE, 2009, p. 242):

> Noção de aprendizagem. Baseia-se numa didática que a caracteriza como a apropriação instrumental da realidade, para modificá-la. A noção de aprendizagem vincula-se intimamente com o critério de adaptação ativa à realidade, através do qual se explicita a ideologia que sustenta esta instituição.

Pichon-Riviére e Ana Quiroga (2009) dividem o texto em duas grandes linhas: o enquadramento institucional e os grupos operativos e pressupostos teóricos. No primeiro, eles definem que a escola da psicologia social está centrada na aprendizagem e fundamentada em um esquema conceitual, referencial e operativo no campo da psicologia social. A partir disso, eles propõem a caracterização da escola, o esquema conceitual referencial e operativo, o método dialético e a didática. Nesse aspecto particular, quando expõem suas ideias sobre aprendizagem e didática é que se destaca:

> A didática. A didática que postulamos emerge do próprio campo da psicologia social. Assinalamos com isso que reformularemos uma metodologia para operar no campo da aprendizagem a partir das contribuições trazidas pela psicologia social à compreensão do processo de aprendizagem (PICHON-RIVIÉRE, 2009, p. 237-238).

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

A princípio, o que chamou atenção foram as reflexões voltadas ao processo grupal. Considera-se como pano de fundo a proposta dos grupos operativos, mas compreender as nuances da metodologia interessa muito. E, ao longo do estudo, tem sido uma descoberta surpreendente o fato de categorias como dialética, ensino-aprendizagem, didática e tantas outras conectarem-se, perfeitamente, com os pressupostos teóricos que têm embasado a prática e a práxis no trabalho com comunidades e mulheres. No mesmo texto, o autor chega a afirmar que, em síntese, a possibilidade de uma didática interdisciplinar apoia-se na preexistência, em cada um de nós, de um esquema referencial (PICHON-RIVIÉRE, 2009, p. 241). Ele se refere à importância de trazer à tona as diferentes concepções de cada um no grupo e que, por meio de uma mesma tarefa desenvolvida pelo grupo, emergiria uma nova concepção – agora do grupo e não mais fragmentada em cada indivíduo que o compõe.

No que tange à educação ambiental crítica e ao método histórico e dialético, assim como a noção de práxis, pode-se afirmar que o trabalho de pesquisa, tanto na coleta quanto na análise dos resultados, compõe um arcabouço teórico que permeia a trajetória da autora e das colaboradoras consideradas coautoras. O materialismo histórico e dialético garante o equilíbrio e a ótica do trabalho, como a realidade é percebida, como os fenômenos são considerados e como os fatos históricos se relacionam na aparência do momento presente. Para contextualizar a pesquisa, torna-se importante situá-la na educação ambiental não formal. Para Pereira (2011, p. 50):

> No caso específico da educação ambiental na gestão pública (licenciamento ambiental), não colocamos o foco na educação formal, contudo não desprezamos a importância desta na conformação social. É fato para nós a importância estratégica da educação no processo de transformação social e econômica de um país.

Pereira (2011), em sua tese, propôs uma abordagem pedagógica que denominou “para além do capital social”, trazendo, no subtexto, uma crítica ao conceito de capital social. Em suas reflexões, ele argumenta que o conhecimento da comunidade não deveria ser considerado um capital social, pois esse termo

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

está, intrinsecamente, ligado ao sistema capitalista. Seu trabalho estava focado nos projetos de educação ambiental relacionados ao licenciamento ambiental federal, que eram exigidos como medidas de mitigação de impactos pela Coordenação de Petróleo e Gás do Ibama, com sede na cidade do Rio de Janeiro, e que, por sua vez, está vinculada à DILIC, cuja sede é em Brasília.

Ainda em Pereira (2011, p. 51):

> [...] não se tem uma produção científica extensa sobre a educação não formal e informal no Brasil e no mundo, e isso reforça a importância da educação formal, pois nossos parâmetros ainda estão nesse sistema. Assim, é a partir dela que fazemos a reflexão que se expande para os projetos e programas em educação ambiental no licenciamento ambiental federal. O processo social, educativo e coletivo que se estabelece em tais projetos e programas trazem como desafio a tarefa educativa e transformadora, e para que seja possível a emancipação dos sujeitos envolvidos nesse processo torna-se fundamental os elementos estruturantes expostos por Freire: a capacidade de sonhar, projetar, trocar experiências, vivenciar, discutir, defender suas posições e ideias, ter raiva, indignação, porque o sujeito da ação é capaz de amar e ter utopia.

Dessa forma, pode-se afirmar que há sintonia entre o trabalho de Pereira (2011) e o perfil do grupo pesquisado. Essas mulheres, adultas com pouco letramento, se reúnem em grupo e, por meio de estratégias que dialogam com a educação ambiental crítica e a educação popular, buscam transformar tanto suas próprias vidas quanto suas comunidades. Em uma perspectiva dialética de leitura da realidade, percebe-se que, no âmago dos problemas sociais ali presentes, também existem indícios de superação de tais problemas.

Quanto ao gênero feminino, é evidente a situação de desigualdade histórica a que as mulheres foram submetidas na sociedade patriarcal. Essa realidade é agravada quando se consideram categorias como cor da pele, etnia e pobreza. Embora as gerações atuais possam não perceber tão claramente, em um passado recente, as mulheres não tinham sequer o direito de votar. Para Biroli (2017, p. 214-215):

> O debate contemporâneo sobre a participação política das mulheres tem como ponto de partida o diagnóstico de que o direito ao voto e o

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

> direito a disputar eleições, conquistados na maior parte do mundo entre as primeiras décadas do século XX e meados do mesmo século, não redundaram em condições igualitárias de participação. Sua análise demanda, assim, que se vá além das regras formais, dos direitos estabelecidos, em direção a um entendimento mais complexo da permeabilidade seletiva das democracias contemporâneas. No caso das mulheres, isso significa levar em consideração as relações de gênero no cotidiano da vida social e os obstáculos informais à participação nos espaços institucionais, tendo em mente que sua posição não se esgota nas relações de sexo ou gênero, mas é definida em conjunto com variáveis como classe, raça, etnia, sexualidade e geração. As barreiras mostram-se mais espessas quando analisamos as condições de participação das mulheres mais pobres, das mulheres negras e indígenas, das trabalhadoras do campo. Os obstáculos remetem a dinâmicas sociais de desvantagem, que situo neste livro a partir da divisão sexual do trabalho, com seus componentes materiais e simbólicos. Elas se entrelaçam à seletividade própria aos espaços formais de representação, historicamente masculinos. Algumas análises têm-se concentrado na socialização de gênero e nas condições para que a "ambição política" se manifeste. Elas remetem à reprodução de papéis, competências e julgamentos no cotidiano familiar, escolar e nos meios de comunicação e, com diferentes ênfases, à conformação masculina e sexista das campanhas e do ambiente político.

O que se busca entender neste trabalho de pesquisa é se o grupo de mulheres que compõe a associação percebe, coletiva e individualmente, as sutilezas da discriminação. Para quem está fora da realidade delas, por exemplo, é evidente que as mulheres das comunidades pesqueiras recebem um tratamento diferente dos homens pescadores, seja por parte do Estado brasileiro, por meio de políticas públicas, seja nas relações sociais estabelecidas nas colônias de pesca e nos demais espaços de participação. No entanto, considera-se importante e estruturante que elas desenvolvam uma consciência crítica sobre esses fatos e possam identificar cada forma de discriminação, a fim de vislumbrar saídas dessa condição. Porém, na primeira etapa de coleta de dados, à qual este texto se refere, essas questões ainda não foram abordadas com elas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir são apresentados os depoimentos das participantes diante de três perguntas abertas, aplicadas tanto à diretoria quanto às demais mulheres participantes, da associação e da pesquisa. As perguntas foram:

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

1. Por que participa da associação?
2. O que mais gosta na associação?
3. Quais os momentos mais importantes que viveu na associação nos últimos anos?

Essas perguntas introdutórias tiveram como objetivo iniciar um processo de entendimento dos motivos que criaram os vínculos no grupo e o que as mantém unidas durante os anos que se seguiram. Isto é, seria uma racionalidade objetiva? Por exemplo, para conseguir benefícios para si e para suas comunidades? Ou teriam aspectos subjetivos de apoio mútuo e prazer de estar no coletivo? Qual seria o papel de cada uma no grupo? Tais questões guiaram o roteiro da entrevista.

Considerando isso, a seguir são apresentadas sínteses das respostas:

1. Por que participa da associação?

- Porque é uma associação de mulheres apoiadoras para a melhoria de vida;
- Acho bom mulheres pobres, negras e brancas serem valorizadas;
- Esse grupo me ensinou a ter voz e vez e a correr atrás dos meus direitos;
- Participo para agregar conhecimento;
- Porque quando eu participei da primeira reunião e gostei muito, ali eu me senti como se estivesse entre família, aprendi muitas coisas como saber me comunicar com as pessoas;
- Por causa do desenvolvimento das mulheres em lutas pelos seus direitos e o bem-estar da família e o ganho através da pesca artesanal;
- Porque, através da associação, posso lutar junto as demais colegas por melhoria para nossa comunidade;
- Porque é um grupo que permite, a nós mulheres, entender o nosso lugar perante à sociedade;
- A participação se dá pelo aprendizado, pelo conhecimento, porque eu aprendi mais, eu me sentia muito fantástica nas reuniões dos

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

Territórios[6]. Aprendi muito nessas reuniões sobre políticas públicas, a importância do desenvolvimento e tive oportunidade de me manifestar, de votar, de me fazer ouvir e conhecer outros grupos organizados, os quilombos da região e o pessoal do movimento nas feiras[7] que participei;

- Eu participo por causa da convivência, do encontro, o que eu mais gosto são os grupos, encontrar uns com os outros. Grupos discutindo, estar na cozinha pedagógica, me sinto honrada em poder participar junto e receber as pessoas na minha casa. O momento que mais marcou a minha vida foi o Encontro de Mulheres da Cadeia Produtiva da Pesca[8][9];
- Participo porque busco conhecimento e melhorias para mim e para a comunidade e que essas melhorias sejam para as mulheres tanto de São Francisco de Itabapoana quanto de São João da Barra;
- Eu participo porque me faz bem, porque eu aprendo muitas coisas e o aprendizado me traz satisfação. O que é melhor é que, quando estou com o grupo, quando utilizo a cozinha com as outras mulheres, o que faz a minha felicidade é estar na sede.

2. O que mais gosta da associação? (do ponto de vista pessoal)

- Os encontros (reuniões e assembleias);
- É a companhia das meninas quando estamos juntas aprendendo a fazer doces e salgados, pão de queijo, bolos, tortas, e aproveitar todas as coisas boas que eu aprendi;

[6] Aqui a participante está se referindo a reuniões do Território da Cidadania, às quais participava como representante da associação. Entende-se que ela aprendeu na associação como participar dos demais espaços que ela, como representante, teve oportunidade de ocupar.

[7] As feiras foram organizadas pelo mesmo grupo que compunha o Território da Cidadania – Política do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

[8] As Cozinhas Pedagógicas foram recebidas pela associação em um Processo de Compensação da Atividade Pesqueira (PCAP) diante de uma pesquisa Sísmica (licenciamento ambiental federal conduzido pelo IBAMA na exploração do Petróleo e Gás).

[9] A associação participou desses encontros de Mulheres da Cadeia Produtiva da Pesca que foram realizados em três edições (2013, 2016 e 2018) pelo projeto de educação ambiental dentro da política de mitigação de impactos no âmbito do licenciamento ambiental de petróleo e gás conduzido pelo IBAMA e financiado pela empresa licenciada.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

- De sermos valorizadas, nós marisqueira e pescadoras artesanal!
- A amizade que criamos entre nós, um grupo que podemos contar sempre;
- Das reuniões de território de que a gente participava;
- Quando realizava reuniões com as todas as mulheres.

3. Quais os momentos mais importantes que viveu na associação?

- Quando eu participei da associação trabalhando como secretária;
- As brincadeiras em conjunto com as reuniões em grupo e a vontade de se encontrar novamente, aprender muitas coisas, poder colocar tudo em prática o que nós aprendemos;
- A união das mulheres umas com as outras;
- Os cursos e os momentos de lazer;
- Quando foi concluída a cozinha pedagógica;
- Cursos de confeitaria e de pintura em estêncil;
- O terceiro encontro do projeto de educação ambiental que a associação participou foi muito marcante, pois nele nós ajudamos em cada detalhe e na organização do encontro. Mas não posso deixar de falar do grande marco, que foi o dia em que conseguimos a nossa tão sonhada RGP[10], pois hoje, muitas de nossas mulheres, já se encontram aposentadas pela pesca;
- Sair para chamar as outras mulheres, convidar as outras mulheres para participar, explicar, quando convida, que, se participarem, podem ensinar e aprender;
- O dia inesquecível, que marcou para sempre, foi a primeira reunião que eu fui na cidade de Campos dos Goytacazes, nunca mais vou esquecer, naquele dia eu falei e fui ouvida;
- O momento mais especial foi o III Encontro de Mulheres, organizado por nós mesmas da associação, mais as outras mulheres do projeto de educação ambiental. O desfile no qual me senti tão importante como

[10]Registro Geral da Pesca (pescadores e pescadoras profissionais).

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

se estivesse na TV, que foi lindo, foi mágico, um barato [...] e o Encontro foi a reunião de todas [...] outro momento que foi muito importante, foi a viagem ao assentamento Florestan Fernandes, nas camponesas para troca de experiências;

- O que mais me marcou foi, no III Encontro de Mulheres, a história das camponesas o esforço e a resistência das mulheres;
- Sem dúvida nenhuma, o momento mais importante para mim se deu pela conquista e a inauguração das cozinhas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que se percebe é que ainda há uma dificuldade de expressar seus sentimentos mais íntimos, embora algumas manifestações nesse sentido sejam encontradas. Uma parte delas se refere ao III Encontro de Mulheres da Cadeia Produtiva da Pesca, que foi o último evento antes da pandemia, que reuniu um grande grupo de mulheres e teve caráter celebrativo das lutas cotidianas, com manifestações culturais. Embora esse encontro tenha sido realizado pelo projeto de educação ambiental referente ao licenciamento ambiental, conduzido pelo Ibama, em parceria com a associação, não foi uma ação exclusiva da associação em si.

No contexto da pesquisa que está em andamento, a intencionalidade pedagógica é aprofundar um pouco mais a reflexão para que elas possam pensar no próprio desenvolvimento e consigam apontar momentos significativos de transformação pessoal. Se, a partir da participação na associação, por exemplo, sentiram-se impulsionadas a retornar aos estudos escolares e ou acadêmicos. Em uma segunda etapa, será investigada a relação delas com a sociedade patriarcal e os momentos em que podem ter se sentido discriminadas embora que em algumas falas já apontem de forma indireta que a partir da participação no coletivo se sentem mais encorajadas e seguras para falar.

A última eleição de diretoria da associação ocorreu em 31 de janeiro de 2022 e pôde-se acompanhar e observar o processo. No momento da redação

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

deste texto, em 2023, esta diretoria ainda tem mandato vigente. Participaram 27 mulheres, por meio da plataforma *online Google Meet*, incluindo cinco colaboradoras cedidas pelo projeto de educação ambiental e o restante das associadas. É impressionante que o grupo seja composto por mulheres com baixa ou nenhuma escolaridade e com difícil acesso à internet, mas tenham construído um vínculo coletivo ao longo de, aproximadamente, oito anos de participação na associação. E, entre 2020 e 2021, elas enfrentaram o desafio de realizar encontros *online* devido à pandemia de COVID-19. Inicialmente, o acesso às plataformas foi difícil, mas, com o tempo e a ajuda mútua, a dificuldade foi superada.

Pode-se dizer que agora se está em pleno processo de busca por respostas e embasando as reflexões à luz de teorias que possam ajudar a sistematizar essa experiência. Nessa perspectiva, destacam-se algumas áreas, como a psicologia social, a educação popular, a educação ambiental crítica e, por fim, a arte-educação como guias estruturantes da práxis da pesquisa e da análise dos dados. No caso da educação libertadora de Paulo Freire, que garante a autonomia das sujeitas que aprendem e ajuda a manter a mente aberta daquelas educadoras que buscam ensinar para que também possam aprender mediadas pelo mundo, tem-se uma referência importante para este trabalho.

Uma das conclusões se refere a importância da arte-educação, que é desenvolvida nas reuniões da associação, com sua concepção de educar através do sensível, para uma aproximação mais íntima das mulheres com elas mesmas e com as demais, explorando seus desejos, suas angústias e suas esperanças. Embora não se negligencie as condições objetivas da vida cotidiana, como o sustento delas e de suas famílias, as subjetividades são consideradas fundamentais no processo da pesquisa. Percebe-se que a associação trabalha com o sentido de educação voltada à organização comunitária e à participação na gestão pública, seja na área da saúde, ambiente ou social. Outrossim, busca afirmar a pessoa como cidadã de direitos, com voz e vez, como elas costumam entoar: *"*Companheira, me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor*"*, em referência a

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

uma cantiga popular que elas cantam sempre que se reúnem. Cabe destacar o que uma das mulheres disse em seu depoimento: *"*Me senti importante, pois consegui falar e ser ouvida*"*. Essa afirmação ressalta a importância da fala e da escuta como reconhecimento da identidade das mulheres, pescadoras ou marisqueira, de uma comunidade pobre, mas organizada em grupo e que cumpre um papel social, estando engajada nos espaços públicos de tomada de decisão política da sua região. Em outras respostas, elas falaram sobre como ajudaram a organizar o terceiro encontro de mulheres em parceria com o projeto de educação ambiental e o quanto isso fez com que se sentissem parte do processo, além de se referirem a momentos pontuais do encontro, como um desfile,[11] e a troca de experiências com outros grupos organizados.

Como mencionado na metodologia, a autora da pesquisa fez parte do processo desenvolvido pelo projeto de educação ambiental em seus primeiros anos, o que proporciona um entendimento do contexto a que se referem. Contudo, a pesquisa só será concluída em 2024, o que aponta para uma complexidade maior na análise dos dados coletados. Além disso, retifica-se que o subtexto de Vygotsky e as bases do pensamento e linguagem serão importantes guias para as reflexões, assim como os critérios estabelecidos por Pichon-Riviére em relação aos grupos e aos diferentes papéis desempenhados pelos seus componentes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 9. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. *In:* LAYRARGUES, Philippe Pomier (Coord.).

[11] Esse desfile foi realizado como uma atividade lúdica do III Encontro e as próprias mulheres vestiram roupas que os grupos organizados produziram, também biojóias compuseram o visual das modelos.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

CENCI, Adriane. O conceito de trabalho em Vygotsky: apropriação e desenvolvimento das proposições de Marx/Engels. **Revista Trabalho Necessário**, v. 10, n. 15, 13 jun. 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6867. Acesso em: 20/09/2023.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 2004. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm. Acesso em: 26 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo. Instituto Paulo Freire, 1968.

FREIRE, Paulo. **Sobre Educação**: diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. v. 1.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. São Paulo. Olho d'água, 1995.

O HOMEM que virou suco. Roteiro e direção: João Batista de Andrade. Produção de Assunção Hernandes. São Paulo: Embrafilme/Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1979. 1 DVD (90 min.), son., color.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas São Paulo: Editora Montecristo, 2022.

MARX, Karl. **O capital**: Crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2023.

PICHON-RIVIERE, Henrique. **O processo de criação**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

PICHON-RIVIERE, Henrique. **Psicologia da vida cotidiana**. Tradução: Ana Pampliega de Quiroga. São Paulo: Martin Fontes, 1998.

PICHON- RIVIERE, Henrique. Contribuições à didática da psicologia social (em colaboração com Ana P. Quiroga, agosto de 1972- p. 237-247). In: **Processo grupal**. 8ª. Ed.- São Paulo. Martins Fontes, 2009.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023

PEREIRA, Maria Odete da Rosa. **PEAs – Programas de educação ambiental no licenciamento**: uma análise e uma proposta pedagógica para além do capital social. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia Dialética em Sala de Aula. **Revista de Educação AEC**. Brasília, v. 21, n. 83, p. 28-55, abr/jun, 1992.

DOM de iludir. Compositor: Caetano Veloso. *In*: TOTALMENTE Demais. Intérprete: Caetano Veloso. Polygram, 1986.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 28, n. 2, Dezembro de 2023.
Recebido em: 26/03/2023
Aceito em: 27/10/2023